

PREVALÊNCIA DO TRANSTORNO DE ANSIEDADE E USO DE PSICOTRÓPICOS ENTRE UNIVERSITÁRIOS DA ÁREA DA SAÚDE NO PERÍODO PÓS PANDEMIA

Autores: Bianca Juliete da Silva Barreto
Fábio Amorim Miranda
Genilson Santos da Silva
Jória Santos de Souza Miranda
Lisiane de Jesus Silva
Rosivania dos Santos
Orientadora: Danielli Soares Araújo

RESUMO

Introdução: A ansiedade é uma condição mental que afeta significativamente os seres humanos, especialmente pós pandemia de COVID-19. Os universitários, particularmente os da área da saúde emergem como um grupo vulnerável devido aos desafios acadêmicos intensificados como tarefas acadêmicas, cobranças pessoais e familiares entre outros fatores que podem resultar na necessidade ou até mesmo dependência do uso de psicotrópicos, durante e pós pandemia. **Objetivo:** Descrever a prevalência de universitários da área da saúde acometidos pelo quadro de ansiedade e que fazem uso de psicotrópicos. **Metodologia:** Estudo observacional analítico transversal, de abordagem quantitativa, realizado em um centro universitário em Salvador, Bahia, Brasil, com 260 alunos da área da saúde, utilizando um questionário semiestruturado (sociodemográfico e clínico) incluindo a Escala de Hamilton para Ansiedade, para avaliar a prevalência de ansiedade e o uso de ansiolíticos. **Resultados:** Dos 260 participantes, 241 foram incluídos na pesquisa, a maioria na faixa etária de 18 a 35 anos e predominantemente do sexo feminino. Os dados clínicos indicam que a maioria dos participantes confirma a necessidade de conscientização sobre o uso de psicotrópicos. **Conclusão:** O estudo destaca a complexidade dos fatores que influenciam o bem-estar mental dos universitários da área da saúde. Verifica-se que a conscientização substancial entre os discentes sobre a necessidade de recursos e iniciativas voltadas para a saúde mental e a prevenção do uso indevido de medicamentos psicotrópicos, deve-se ao fato de que há prevalência sobre o uso de substâncias psicoativas como método de enfrentamento, o que pode indicar a importância de intervenções estratégicas.

Palavras Chaves: Ansiedade; Psicotrópicos; Universitários; Saúde; Pandemia; Vida acadêmica.

PREVALENCE OF ANXIETY DISORDERS AND USE OF PSYCHOTROPIC DRUGS AMONG UNIVERSITY STUDENTS IN THE HEALTH AREA IN THE POST-PANDEMIC PERIOD

ABSTRACT

Introduction: Anxiety is a mental condition that significantly affects human beings, especially after the COVID-19 pandemic. University students, particularly those in the health field, emerge as a vulnerable group due to intensified academic challenges such as academic tasks, personal and family demands, among other factors that may result in the need for or even dependence on the use of psychotropic, during and after the pandemic. **Objective:** To describe the prevalence of university students in the health area affected by anxiety and who use psychotropic drugs. **Methodology:** An observational, cross-sectional, analytical study with a quantitative approach, carried out at a university center in Salvador, Bahia, Brazil, with 260 health students, using a semi-structured questionnaire(sociodemographic and clinical) including the Hamilton Anxiety Scale, to assess the prevalence of anxiety and the use of anxiolytics. **Results:** Of the 260 participants, 241 were included in the survey, the majority in the 18-35 age group and predominantly female. The clinical data indicates that the majority of participants confirm the need to raise awareness about the use of psychotropic drugs. **Conclusion:** The study highlights the complexity of the factors that influence the mental well-being of university students in the health sector. Substantial awareness among students of the need for resources and initiatives aimed at mental health and the prevention of the misuse of psychotropic medication is found, due to the fact that there is a prevalence of the use of psychoactive substances as a coping method, which may indicate the importance of strategic interventions.

Keywords: Anxiety; Psychotropics; College Students; Health; Pandemic; Academic life.

1. INTRODUÇÃO

A ansiedade é uma condição de estado mental que concerne excessivamente o ser humano, pois seus transtornos estão ligados às reações do organismo diante de acontecimentos provocantes (Silva, 2021). Sintomas como inquietação, preocupação excessiva, insônia, fadiga, tensão muscular, problemas digestivos, entre outras manifestações, são características do quadro de ansiedade (Brasil, 2015).

Nos últimos anos, o mundo testemunhou uma transformação sem precedentes em todas as esferas da sociedade devido à pandemia de COVID-19. No campo da saúde mental, as consequências dessa crise global têm sido amplamente observadas, com relatos crescentes de aumento da ansiedade e do estresse em diversas populações (Silva, et al., 2023). Entre os grupos afetados, os universitários, particularmente aqueles da área da saúde, emergiram como um grupo vulnerável devido à combinação de desafios acadêmicos intensificados e o impacto psicossocial da pandemia (Marinot et al, 2022).

A pandemia de COVID-19 não apenas alterou a maneira como as instituições educacionais operam, mas também provocou mudanças significativas nas experiências de vida e nas perspectivas futuras dos universitários. A transição abrupta para modalidades de ensino remoto, o isolamento social, as preocupações com a saúde própria e de entes queridos, bem como as incertezas econômicas, são fatores que contribuíram para a intensificação dos níveis de ansiedade nessa população (Oliveira et al., 2022). Os estudantes da área da saúde, por sua vez, enfrentaram desafios adicionais, incluindo a exposição direta aos aspectos clínicos da pandemia, a adaptação às demandas acadêmicas práticas e a compreensão da importância de sua futura contribuição para o sistema de saúde (Marinot et al, 2022).

É crescente e significativo o número de estudos que abordam a saúde mental do universitário a partir do final dos anos 90 (Bardagi & Hutz, 2011). E tal fato mostra a importância da temática, uma vez que a ansiedade e a depressão tendem a afetar negativamente o período de formação, gerando dificuldade interpessoal e deterioração do desempenho acadêmico (Tabalipa et al., 2015). Consequentemente a carreira profissional também pode ser fragilizada, visto que os profissionais da saúde enfrentam diretamente o sofrimento humano, percebendo a vulnerabilidade e finitude da vida, percepções opostas ao sentimento do ser humano (Ferreira et al., 2019).

A rotina acadêmica impõe poucas horas de sono, longas horas de estudo, alimentação de baixa qualidade, abdicação de momentos de lazer, adaptação com a carga horária de trabalho, necessidades financeiras e as expectativas familiares. Com prazos curtos, avaliações, relatórios, estágios, contato com pacientes, atividades em equipe, encargos financeiros, trabalho de conclusão de curso, problemas institucionais, cumprimento de horários entre outros, tais atribuições, exigem muita dedicação e esforços (Tovani; Santi; Trindade, 2021).

Estas condições colaboram para que gatilhos mentais sejam ativados e provoquem mudanças psicológicas, fisiológicas e neurológicas que favorecem a ocorrência de crises de ansiedade tornando-se comum o uso de psicotrópicos como os ansiolíticos para tratamento com ou sem prescrição médica, na tentativa de alcançar alívio e obter a retomada do controle na concentração, percepção motora e intelectual (Tovani; Santi; Trindade, 2021).

Apesar da existência de uma variedade de estudos sobre a ansiedade no âmbito universitário, ainda subsistem lacunas a serem suprimidas. Aspectos cruciais da vida dos universitários podem ser negligenciados, tais como as circunstâncias e recursos para a plena realização de suas formações acadêmicas. Diante disso, torna-se imperativo avaliar as possíveis ramificações para a saúde tanto física quanto psicológica dos estudantes, no que tange à problemática da ansiedade (Souza et al., 2022).

Portanto, a investigação sobre os níveis de ansiedade entre universitários da área da saúde pós-pandemia é de extrema relevância, uma vez que esses estudantes desempenharão um papel crucial na recuperação da saúde pública global e na prestação de cuidados com aqueles afetados pela pandemia. Compreender as implicações da ansiedade em suas vidas acadêmicas e pessoais é essencial para o desenvolvimento de intervenções de apoio, diagnóstico, prevenção, tratamento e conscientização da doença, beneficiando tanto os indivíduos afetados quanto a sociedade em geral.

Nesse contexto, diante do crescimento do quadro de ansiedade entre os universitários, o presente estudo propôs-se descrever a prevalência de universitários da área da saúde acometidos pelo quadro de ansiedade e que fazem uso de psicotrópicos no período pós pandemia.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

2.1. Caracterização da pesquisa

Trata-se de um estudo observacional analítico transversal, de abordagem quantitativa, realizado no Centro Universitário UNIFTC, unidade Paralela, na cidade de Salvador, Bahia, Brasil.

2.2. População e Amostra

O estudo foi destinado a 260 alunos de graduação regularmente matriculados. A realização do cálculo da amostragem para esta população, utilizando um nível de confiança de 95% e um erro amostral de 5%, nos denota uma participação mínima de 175 universitários. O total dos cursos de graduação na área da saúde que contribuíram com a pesquisa foram 8, sendo estes: Biomedicina, Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Medicina Veterinária, Nutrição e Psicologia. Os participantes foram selecionados por conveniência (amostragem não probabilística), e por atenderem aos seguintes critérios de inclusão: Universitários da área de saúde, com idade igual ou superior a 18 anos, que concordaram em participar do estudo por meio da concordância do Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento (TCLE). Foram excluídos os que não cursam área de saúde e os que deixaram o questionário incompleto.

2.3. Instrumentos e protocolos

Como instrumento, foi utilizado um questionário semiestruturado (sociodemográfico e clínico) elaborado pelos pesquisadores do presente estudo, abordando questões como sexo, idade, estado civil, habitação, plano de saúde, renda familiar, curso, sintomas da ansiedade, uso de psicotrópicos, influência da vida acadêmica na ansiedade. Também foi utilizado a Escala de Hamilton Anxiety Rating Scale (HAM-A), uma ferramenta clínica usada para avaliar a severidade dos sintomas de ansiedade em indivíduos que foi desenvolvida pelo Dr. Max Hamilton em 1959. A escala inclui 14 itens, subdivididos em dois grupos, 7 relacionados a aspectos psíquicos (sentimentos de tensão, medo e dificuldade de concentração) e 7 relacionados a sintomas somáticos (sintomas musculares, sensoriais e cardiovasculares) da ansiedade. Cada item é avaliado segundo uma escala que varia de 0 a 4 de intensidade (0= ausente; 2= leve; 3 = média; 4 = máxima). A soma dos

escores obtidos em cada item resulta em um escore total, que varia de 0 a 56. Os 7 itens associados à ansiedade psíquica são pontuados de 0 a 28, enquanto 7 itens que abordam a ansiedade somática, com a mesma pontuação máxima de 28. A classificação final é dividida da seguinte forma: 0 a 9 - ausência de ansiedade, 9 a 15 - ansiedade passageira, 16 a 25 - ansiedade moderada, acima de 26 - ansiedade grave (Hamilton, 1959).

2.4. Procedimentos de coleta de dados

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Mantenedor de Ensino Superior (CEP/IMES/FTC), com o parecer nº 6.205.361, realizado no Centro universitário UNIFTC, na cidade de Salvador- Ba, através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Após autorização do referido termo correspondido, foi aplicado um questionário através de um formulário eletrônico *Google Forms*, e por meio da rede social *WhatsApp* foi direcionado aos universitários que estivessem cursando a graduação na área da saúde. Caso concordassem com as condições do estudo, foram direcionados para uma página que continham o questionário (sociodemográfico e clínico) e a escala de Hamilton para avaliação da ansiedade, com uma duração média de 20 minutos.

2.5. Análise Estatística

Os resultados obtidos foram exportados, organizados e tabelados para planilhas do software *Microsoft Excel*. A análise descritiva dos dados sociodemográficos e clínicos foi realizada por meio do cálculo de frequência absoluta e frequência relativa, além de medidas de tendência central. Para a análise da distribuição dos dados da *Escala de Hamilton para Avaliação da Ansiedade HAM-A*, o nível da ansiedade foi avaliado com base nas pontuações totais e nas pontuações dos itens individuais, visando identificar em quais dimensões haverá maior grau de ansiedade.

3. RESULTADOS

Ao total, 260 universitários da instituição aceitaram colaborar com o estudo respondendo o formulário eletrônico. Destes, 19 foram excluídos da investigação por terem preenchido o questionário incompleto. Assim, 241 discentes participaram da

pesquisa, contendo, principalmente, a faixa etária de 18 a 35 anos, em sua maioria, do sexo feminino (78%), exercendo atividade remunerada até o momento de resolução do questionário (Tabela 1).

Tabela 1 – Características da amostra e perfil sociodemográfico.

Variáveis	N=241	%
Sexo		
Feminino	188	78
Masculino	53	22
Faixa etária		
18 a 35 anos	196	81
36 a 45 anos	30	12
46 a 60 anos	12	05
60 +	3	01
Estado Civil		
Solteiro(a)	181	75
Casado(a)	40	17
Outros	20	08
Moradia		
Pais	127	53
Cônjuge	57	24
Outros	57	24
Nº de filho(s)		
0	193	80
01	29	12
02 a 03	17	07
Acima de 03	02	01
Ativ. Remunerada		
Sim	158	66
Não	83	34
Renda familiar (salários mínimos)		
1 a 2	147	61
3 a 4	63	26
Acima de 5	31	13
Habitação		
Aluguel	49	20
Própria	174	72
Tem plano de Saúde		
Sim	110	46
Não	131	54
Curso		
Biomedicina	16	07
Ed. Física	12	05
Enfermagem	27	11
Farmácia	114	47
Fisioterapia	10	04
Med. Veterinária	12	05
Nutrição	26	11
Psicologia	24	10
Formas de pagamento do curso		
Recursos Próprios	113	47
Bolsa/Financiamento	128	53

Fonte: Elaborada pelos autores, 2023.

A segunda tabela abaixo, permite a análise dos dados clínicos que demonstram a existência de diversas questões relativas ao uso de psicotrópicos, conscientização em saúde mental e envolvimento em iniciativas preventivas. A maioria dos participantes parecem concordar com a necessidade de maior conscientização e recursos para lidar com o uso indevido de psicotrópicos entre estudantes universitários.

Tabela 2 – Dados da investigação clínica da amostra.

Variáveis	N=241	%
Considera-se ansioso(a)?		
Sim	208	86
Não	33	14
Estado da saúde mental atual?		
Ótima	22	9
Boa	96	40
Regular	95	39
Ruim	28	12
Tem sono regular?		
Sim	105	43
Não	136	57
Aconselhamento ou terapia p/ ansiedade?		
Sim	103	43
Não	138	57
Existe estigma p/ busca de ajuda psicológica entre os universitários?		
Sim	195	81
Não	46	19
Ansiedade é comum entre os universitários?		
Sim	234	97
Não	7	3
Ansiedade tem impacto na vida acadêmica?		
Sim	216	97
Não	25	10
Já perdeu eventos sociais ou acadêmicos devido a ansiedade?		
Sim	131	54
Não	110	46
Tem alimentação saudável durante a vida acadêmica?		
Sim	127	53
Não	114	47
Acredita que a alimentação impacta na saúde mental e emocional?		
Sim	226	93
Não	15	7
Acredita que prática regular de ativ.física pode ajudar a reduzir a ansiedade?		
Sim	238	99

Não	3	1
Fez ou faz uso de substâncias como álcool ou drogas para lidar com a ansiedade ou outras condições emocionais?		
Sim	238	99
Não	3	1
Fez ou faz uso de psicotrópicos por conta própria ou com prescrição?		
Prescrição médica	115	48
Conta própria	40	16
Não	86	36
Uso de psicotrópicos antes ou depois da vida acadêmica?		
Antes	58	24
Após	100	42
Não	83	34
Uso de psicotrópicos melhorou a qualidade de vida durante a graduação?		
Sim	92	38
Não	149	62
Crer que psicotrópicos podem causar dependência?		
Sim	228	95
Não	13	5
O ambiente acadêmico pode ser um fator contribuinte para uso indevido de psicotrópicos entre os universitários?		
Sim	184	76
Não	57	24

Fonte: Elaborada pelos autores, 2023.

Os dados coletados sublinha a importância das iniciativas de saúde mental e da sensibilização para o uso indevido de medicamentos no ambiente universitário, onde as necessidades clínicas dos estudantes podem ter intensificado.

Em relação ao uso de medicamentos psicotrópicos durante a vida universitária, 48% dos estudantes relataram utilizar tais medicamentos com prescrição médica, e 16% por conta própria, alcançando o total de 64% quando observamos os resultados desta variável. Além disso, os dados ressaltam uma relativa evitação da automedicação com psicotrópicos ou substâncias entre os estudantes pesquisados.

Temos 99% dos participantes que acreditam nos benefícios da atividade física regular no controle da ansiedade, ressaltando a tendência que sugere uma consciência entre os participantes em relação a mecanismos de enfrentamento mais saudáveis. Por outro lado, 99% dos participantes relataram usar álcool ou drogas para controlar a ansiedade ou outras condições emocionais.

Por fim, para finalizar a análise, consideraremos os dados relativos à Escala de Avaliação de Ansiedade de Hamilton. Isto envolverá a avaliação da distribuição das pontuações e a identificação de quaisquer padrões proeminentes que possam sugerir níveis comuns de ansiedade entre os alunos inquiridos, conforme descrito no quadro 1.

Quadro 1 – Nível de ansiedade avaliados por sexo através da Escala de Hamilton.

Sexo	Número de participantes	(%)	Nível de Ansiedade (%)
Feminino	188	78%	Ausente (33) - 14%
			Ansiedade leve (46) - 18%
			Ansiedade moderada (57) - 27%
			Ansiedade grave (52) – 21%
Masculino	53	22%	Ausente (21) – 8%
			Ansiedade leve (10) – 4%
			Ansiedade moderada (14) – 5%
			Ansiedade grave (8) – 3%

Fonte: Elaborada pelos autores, 2023.

A análise dos dados da Escala de Ansiedade de Hamilton indica que existe um conjunto de respostas a questões relacionadas ao manejo da ansiedade. Quando associa-se a variável sexo em destaque no quadro 1, com o somatório para avaliação do nível de ansiedade respeitando a orientação do teste, o quantitativo que prevalece é o de ansiedade moderada (27%) na população amostral de universitárias, e quando avaliada a população masculina o nível de ausência de ansiedade (8%) é o que prevalece.

De maneira geral destaca-se que dos 241 universitários que responderam a escala de ansiedade de Hamilton, observou-se que a maioria apresentou os níveis de ansiedade moderada (30%) e grave (23%). É importante salientar que os participantes não visualizaram os níveis e suas respectivas numerações, sendo feito posteriormente pelo pesquisador.

Observa-se a partir dos resultados que o transtorno de ansiedade impacta na saúde mental dos universitários da área da saúde e interfere na sua vida acadêmica e social, sendo importante que se tenham intervenções e cuidados para que na vida profissional o mesmo possa apresentar qualidade e sucesso.

4. DISCUSSÃO

O presente estudo desvelou uma realidade inquietante entre os universitários da área da saúde pós-pandemia: uma prevalência elevada de ansiedade e um recorrente recurso ao uso de psicotrópicos. Estes achados reverberam com a literatura existente que aponta um aumento global nos níveis de ansiedade entre estudantes universitários (Silva et al., 2023), especialmente naqueles imersos em campos relacionados à saúde (Marinot et al., 2022).

A implementação abrupta do ensino remoto, o isolamento social e as incertezas quanto ao futuro profissional e econômico se estabeleceram como catalisadores para um estado de estresse e ansiedade agudos (Oliveira et al., 2022). Tais condições podem ser atribuídas à alta incidência de ansiedade observada neste estudo, sugerindo que as vivências durante a pandemia foram fatores preponderantes para o estado de saúde mental dos discentes.

Considerando que 78% dos participantes desta pesquisa são mulheres, tal resultado concorda com outro estudo realizado com universitários da área de saúde de uma instituição privada em um município do Norte de Minas Gerais, em que 70,5% dos participantes eram mulheres (Tavares, et al., 2021). O que corrobora com dados divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), que demonstram que 55,5% dos matriculados em cursos de graduação presenciais no Brasil são de mulheres, reafirmando os resultados encontrados na presente pesquisa.

Com relação as variáveis sociodemográficas, a literatura aponta alguns fatores colaborativos para as manifestações de sintomas ansiosos, a saber: baixo nível socioeconômico, convívio familiar e social, aspectos demográficos, crises econômicas, dificuldade de adaptar-se frente a uma situação estressante e doenças (Luz, 2017).

Uma pesquisa acadêmica realizada por universitários da área da saúde de uma instituição pública no município de Rondonópolis/MT, em que contaram com a participação de 408 estudantes, destacou-se que 120 deles declararam possuir renda familiar de até 2 salários mínimos, sendo que 41,1% destes usuários fazem uso de psicotrópicos. Esta mesma determinante social salienta que a baixa renda das famílias pode desencadear preocupações exageradas por parte do estudante, o que também pode interferir no desempenho e contribuir para o desenvolvimento do sofrimento

mental (Tavares et. al, 2021).

Sendo assim, os percentuais coletados nesta pesquisa no que se refere a renda familiar de até 2 salários mínimos equivale a 66% dos participantes e 64% admite que fazem uso de psicotrópicos. Quando comparados com os dados do estudo citado no parágrafo anterior confirmamos a existência da coerência dos resultados apresentados.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (2017), o sexo feminino segue demonstrando um maior desenvolvimento de transtorno de ansiedade, cerca de 4,6 em relação a 2,6% do gênero oposto. Numa abordagem voltada para o uso de psicotrópicos, um estudo realizado no Brasil, por meio da plataforma eletrônica Google Forms, que contou com uma amostra de 286 estudantes universitários, evidenciou que cerca de 42,3% das mulheres fazem uso de medicamentos psicotrópicos, sendo o percentual inferior entre os homens (31,7%). Em consonância, os dados desta pesquisa apresentam que 50% das mulheres fez ou faz uso de psicotrópicos e 14% são homens totalizando o percentual de 64% da amostra.

Com relação aos dados clínicos, notou-se que embora 99% dos estudantes afirmem utilizar substâncias como álcool ou drogas para lidar com a ansiedade, compreendemos que a baixa renda já apontada interfere na compra de medicamentos que acabam por serem substituídos por produtos alcoólicos e outras drogas mais acessíveis e baratas. Nesta mesma proporção, temos 238 participantes que afirmam a crença pela prática de atividade física como forma de manejo da ansiedade, reforçando o que a literatura respalda nas intervenções não farmacológicas como parte do tratamento. E existe também uma parcela considerável que não faz uso de psicotrópicos prescritos e isso pode refletir uma resistência ao tratamento medicamentoso ou a falta de acesso a cuidados adequados de saúde mental.

Pereira (2013), sugere que exercícios físicos regulares geram redução da ansiedade, melhora da autoestima e da cognição, trazem benefícios a qualidade do sono, melhoram transtornos de humor e os aspectos cognitivos como memória e aprendizagem, além de reduzir o estresse.

Um relatório da *American College Health Associação* de 2019, realizou uma Avaliação Nacional de Saúde dos Universitários com dados de 98 faculdades e estudo apresentou que apenas problemas acadêmicos (51,2%) e financeiros (36,9%) foram capazes de superar em proporção os problemas de sono. Quando avaliado os

fatores que impactavam negativamente o desempenho acadêmico, 22,4% dos estudantes destacaram novamente a presença de dificuldades com o sono, deixando somente o estresse (34,2%) e a ansiedade (27,8%) afetarem mais suas atividades acadêmicas. Considerando os resultados do estudo citado anteriormente, e observando o percentual de 76% dos estudantes envolvidos nesta pesquisa, os mesmos afirmam que o ambiente acadêmico pode ser fator contribuinte para uso de psicotrópicos entre universitários, e 42% afirmam o uso após o início a vida acadêmica.

E trazendo por fim a Escala de Hamilton que aborda perguntas do tipo, humor, tensão, medo, insônia, dificuldades intelectuais, sintomas somáticos, cardiovasculares, respiratórios, gastrointestinais e nervosos para realizar a marcação do grau de intensidade que o participante se identifica. Esta pesquisa apresentou os resultados em percentual por sexo, e o feminino se destacou por apontar os graus de ansiedade em leve (18%), moderada (27%) e grave (21%), diferentemente do masculino que obteve leve (4%), moderada (5%) e grave (3%). Quando observamos um estudo realizado recentemente por universitários de uma instituição pública em um município de Aracaju/SE, com amostra de 286 estudantes da área da saúde e que avaliou os graus de ansiedade com a variável do sexo, o feminino exibiu grau leve (0,5%), seguido de moderado (47,7%) e grave (51,8%). Já o masculino predominou leve (0%), moderado (57,1%) e grave (42,9%).

O transtorno de ansiedade é um grande impacto na saúde mental do estudante, o repertório de habilidades sociais tem impacto sobre a depressão e, intervenções que possam conduzir um manejo apropriado são de grande importância, sobretudo, pelos prejuízos que a depressão pode ocasionar na vida futura do universitário. Um profissional com baixa competência social ou comunicação ineficaz pode apresentar insucesso em sua vida profissional (Bolsoni et.al, 2014). Ou ainda interromper o processo de formação por conta das altas demandas e aumentar ainda mais o nível de frustração.

Em síntese o recurso ao uso de psicotrópicos, como observado neste estudo, pode ser uma resposta a essas demandas exacerbadas. Contudo, essa estratégia de enfrentamento acarreta preocupações sobre o conhecimento adequado e o uso seguro dessas substâncias, refletindo as lacunas na educação sobre saúde mental e na disponibilidade de recursos de apoio. Além disso, é essencial considerar o impacto desses achados na formação e bem-estar dos futuros profissionais de

saúde. O estresse e a ansiedade podem comprometer não apenas o desempenho acadêmico, mas também a capacidade de fornecer cuidados de qualidade no futuro. Por fim, a discussão reflete sobre as limitações do estudo e sugere-se direções para pesquisas futuras, buscando explorar mais a fundo a temática apresentada.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa evidenciou a complexidade e a multiplicidade de fatores que influenciam o bem-estar mental desta população específica mediante os achados significativos relacionados à ansiedade e ao uso de psicotrópicos por universitários da área da saúde no contexto pós-pandêmico. Observou-se em especial, que o sexo feminino prevalece tão somente no percentual de participantes, como também nos níveis de sintomas da ansiedade. Posteriormente, temos a população masculina que se destacou pela baixa participação neste estudo, porém existe um quantitativo considerável no que diz respeito aos níveis de ansiedade.

Quando ressaltamos a conscientização substancial entre os discentes sobre a necessidade de recursos e iniciativas voltadas para a saúde mental e a prevenção do uso indevido de medicamentos psicotrópicos, deve-se ao fato de que o uso de substâncias psicoativas como método de enfrentamento foi mais prevalente, o que pode indicar a importância de se desenvolver tais abordagens. Os dados clínicos e às respostas à Escala de Hamilton para Ansiedade, percebeu-se uma tendência ao manejo farmacológico da ansiedade, e o estudo destaca a necessidade urgente de intervenções eficazes que possam ser implementadas nas universidades, particularmente programas que promovam a conscientização, o acesso a serviços de apoio psicológico e a adoção de hábitos de vida saudáveis.

As conclusões aqui apresentadas não apenas lançam luz sobre a realidade atual dos estudantes universitários da área da saúde mas também instigam a continuação da pesquisa acadêmica nesta área crítica. As limitações deste estudo fornecem um terreno fértil para investigações futuras, as quais deverão explorar mais profundamente as causas subjacentes da ansiedade e do uso de psicotrópicos, bem como avaliar a eficácia de estratégias de intervenção diversificadas.

6. REFERÊNCIAS

- ARIÑO, Daniela Ornellas; BARDAGI, Marúcia Patta. Relação entre fatores acadêmicos e a saúde mental de estudantes universitários. **Revista psicologia em pesquisa**, v. 12, n. 3, 2018. DOI: <https://doi.org/10.24879/2018001200300544>. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologiaempesquisa/article/view/23791>. Acesso em: 21 nov 2023
- BARBOSA, L. N. F.; ASFORA, G. C. A.; MOURA, M. C. de. Ansiedade e depressão e uso de substâncias psicoativas em jovens universitários. **SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas** (Edição em Português), [S. l.], v. 16, n. 1, p. 1-8, 2020. DOI: 10.11606/issn.1806-6976.smad.2020.155334. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/smad/article/view/167093>. Acesso em: 21 nov. 2023.
- BARGADI, M. P & HUTZ, C. S. Eventos estressores no contexto acadêmico: uma breve revisão da literatura brasileira. **Interação Psicologia**, v. 15, n. 1, p. 111-119, 2011. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v15i1.17085>>. Acesso em: 14/03/2023.
- BOLSONI; SILVA, A; GUERRA, B. O impacto da depressão para as interações sociais de universitários. **Estudos e pesquisas em psicologia**. Vol.14, n.2, p. 429-452. Rio de Janeiro, 2014.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Transtornos de ansiedade generalizada: Protocolo clínico. **Santa Catarina, SC: RAPS/ MS**, 2015. Disponível em: <<https://www.saude.sc.gov.br/index.php/documentos/atencao-basica/saude-mental/protocolos-da-raps/9217-ansiedade-ge>>. Acesso em: 08/03/2023.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Censo da Educação Superior [Internet] 2018: notas estatísticas. **Brasília: INEP**, 2019.
- CARIONI, Maria Luisa. Associação entre Disbiose Intestinal e o nível de ansiedade em estudantes da saúde de uma universidade da Grande Florianópolis Maria Luisa Carioni. **Repositório Universitário da Ânima (RUNA)**, 2020. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/9730>. Acesso em: 03 dez 2023.
- FERREIRA, B. C et al. Verificação de ansiedade em Acadêmicos dos cursos de saúde de uma Universidade Privada da Zona da Mata mineira. **Interdisciplinary Scientific Journal** v.6, n.5, p. 331, 2019.
- FONTES, Bruna Andrade; DOS SANTOS JACINTO, Pablo Mateus; DE SANTANA ROCHA, Renan Vieira. Consumption of benzodiazepine anxiolytics during the COVID-19 pandemic: a remote study with university students. **Sapienza: International Journal of Interdisciplinary Studies**, São Paulo, Brasil, v. 3, n. 1, p. 34–44, 2022. DOI: 10.51798/sijis.v3i1.203. Disponível em: <<https://www.journals.sapienzaeditorial.com/index.php/SIJIS/article/view/203>>. Acesso em: 21 nov. 2023.
- FREITAS, Pedro Henrique Batista de et al. Sintomas de depressão, ansiedade e estresse em estudantes da saúde e impacto na qualidade de vida. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 31, p. e3884, 2023.
- Hamiton, m. The assessment of anxiety states by rating. **British journal of medical psychology**. 32 (1), 50-55, 1959.
- LUZ, F. M. Sintomas e stress, ansiedade e depressão em universitários de cursos de saúde.

2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Saúde) – **Escola de Ciências Médicas e da Saúde da Universidade Metodista de São Paulo**, São Bernardo do Campo, 2017. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/1736>. Acesso em: 02 dez. 2023.

MACIEL, Francine Villela. Fatores Associados a Qualidade do Sono de Estudantes Universitários. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, 28 (4) Abr 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/qwsHGYZ7cxqV8J9QWQhgCrJ/>. Acesso em: 03 Dez. 2023.

MANZATO, Antônio José; SANTOS, Adriana Barbosa. A elaboração de questionários na pesquisa quantitativa. **Departamento de Ciência de Computação e Estatística IBILCE–UNESP**, v. 17, 2012. Disponível em: http://www.inf.ufsc.br/~vera.carmo/Ensino_2012_1/ELABORACAO_QUESTIONARIOS_ESQUISA_QUANTITATIVA.pdf. Acesso em: 15 de set. 2023.

MARINOT, J. B.; BRITO, S. S. C.; GRILLO, M. B.; GRILLO, C. H. B.; SZPILMAN, A. R. M. As implicações da pandemia de COVID-19 na saúde mental e física dos estudantes do Curso de Medicina de uma Universidade da Região Metropolitana do Espírito Santo. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade, Rio de Janeiro**, v. 17, n. 44, p. 3177, 2022. DOI: 10.5712/rbmfc17(44)3177. Disponível em: <https://rbmfc.org.br/rbmfc/article/view/3177>. Acesso em: 05 nov. 2023.

OLIVEIRA, Eliany Nazaré, VASCONCELOS, Maristela Inês Osawa ; ALMEIDA, Paulo César. Covid-19: Repercussions on the mental health of higher education students. **Saúde em Debate**, v. 46, n. spe1, p. 206–220, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/gkbNJ5jkfrLWfH9cB4vFKHr/?lang=pt#>. Acesso em: 19/08/2023.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Depression and Other Common Mental Disorders: Global Health Estimates. **Geneva: Licence: CC BY-NC-SA 3.0 IGO**; 2017.

PEREIRA, MD; PEREIRA, MD; SANTANA, MF de; SILVA, JP da; MORAES FILHO, JA de; ROSA, CAS da; ANTUNES, PFS Associação de ansiedade e uso de ansiolíticos entre universitários relacionados à saúde . **SciELO Preprints** , 2022. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.4348. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/4348>. Acesso em: 21 nov. 2023.

PEREIRA, Ana Luiza Souza. Exercício físico no controle e prevenção da ansiedade e depressão. 33f. 2013. Monografia (Bacharelado em Educação Física). **Repositório Institucional do UNIFOR-MG**, 2013. Disponível em: <https://repositorioinstitucional.unifor.br:21074/xmlui/handle/123456789/221>. Acesso em: 03 Dez. 2023.

SILVA, Mirelle Andrade. Transtornos de ansiedade e impactos nutricionais: uma revisão integrativa. 2021.
Stickley A, Leinsalu M, DeVlyder JE, Inoue Y, Koyanagi A. Sleep problems and depression among 237 023 community-dwelling adults in 46 low- and middle-income countries. **Sci Rep** 2019; 9(1):12011. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31427590/>. Acesso em: 03 Dez. 2023.

SILVA, P. C. e; PEREIRA FILHO, C. H. de M.; MARQUES, G. L. P.; MELO, I. Q. de S.; WAGNER, E. R.; SANTOS, K. S. dos; COSTA, A. C. M. de S. F.; ROMEIRO, E. T.; PEREIRA, H. B.; COLNAGHI, B. S. EFEITOS DA PANDEMIA NA SAÚDE MENTAL DA POPULAÇÃO. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, [S. l.]**, v. 9, n. 7, p. 1281–1291, 2023. DOI: 10.51891/rease.v9i7.10695. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/10695>. Acesso em: 05 nov. 2023.

SOUSA, Isabelly Karoliny; ARAÚJO, Anderson Barbosa de; FIGUEIREDO, Camilla Vieira de; FERRAZ, Ednaldo Emílio; SILVA, Erlyne Betriz Félix de Lima; SILVA, Isaura Caroline Abrantes; MENEZES, Daniele Veloso. Compreendendo a Ansiedade em Estudantes Universitários da Área de Enfermagem de uma Faculdade no Sertão do Pernambuco. **Revista Multidisciplinar do Sertão**, v.04, n.2, p.168-177, Abr-Jun, 2022 . Disponível em: <https://www.revistamultisertao.com.br/index.php/revista/article/view/412>. Acesso em: 03 Nov. 2023.

SOUZA, José Pilla de Azevedo e, DEMENECH, Lauro Miranda; DUMITH, Samuel C.. Sintomas de ansiedade generalizada entre estudantes de graduação: prevalência, fatores associados e possíveis consequências. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 71,n. 3, p. 193–203, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/phdLZspxdbSmbRtqGs5WtGh/?lang=pt>. Acesso em: 19 ago.2023.

TABALIPA, F. O et al. Prevalence of Anxiety and Depression among Medical Students. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 3, p. 388-394, set. 2015. DOI: Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/198152712015v39n3e02662014>. Acesso em: 14/03/2023

TAVARES, Thainá Rodrigues; COIMBRA, Maria Brenda Pires; OLIVEIRA, Caroline Karem Resende; BITTENCOURT, Bárbara Fortunato; LEMOS, Patricia de Lima; LISBOA, Helen Cristina Fávero. Avaliação do Uso de Psicofármacos por universitários. **Revista de Ciências Médicas e Biológicas**, Salvador, v. 20, n. 4, p. 560-567, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cmbio/article/view/43820>. Acesso em: 20 agost. 2023.

TOVANI, João Borges Esteves, SANTI, Luísa Jobim; TRINDADE, Eliana Villar. Use of psychotropic drugs by students from the health area: a comparative and qualitative analysis. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 45, n. 3, p. e175, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/HtgxzLrp7WRVvkMSqSMmq4mH/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 19 ago 2023.